



Revista Estudos Feministas

ISSN: 0104-026X

ISSN: 1806-9584

Centro de Filosofia e Ciências Humanas e Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina

Henning, Carlos Eduardo

A dor, a glória e o charme butch de Esther Newton

Revista Estudos Feministas, vol. 27, núm. 2, e65259, 2019

Centro de Filosofia e Ciências Humanas e Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina

DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n265259>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=38160347036>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais informações do artigo
- ▶ Site da revista em [redalyc.org](http://redalyc.org)

UABEM [redalyc.org](http://redalyc.org)

Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa acesso aberto

# A dor, a glória e o charme butch de Esther Newton

*The Pain, the Glory and the Butch Charm of Esther Newton*

Carlos Eduardo Henning<sup>1</sup>  0000-0003-2103-2821

<sup>1</sup>Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais, Goiânia, GO, Brasil.  
74020-020 – ppgasufg@yahoo.com.br



NEWTON, Esther.

*My Butch Career: A memoir.*

Durham: Duke University Press, 2018, 274p.

A antropóloga feminista Gayle Rubin (2016, p. 117) afirma que há uma dificuldade imensa em garantir o compartilhamento do que chama de “camadas geológicas de conhecimentos *queer*” sobre diversas “comunidades sexuais minoritárias”, de maneira a que novas gerações de investigadoras/es não suponham estar reinventando a roda. Nessa perspectiva, a vida, a carreira e a obra pioneira da também antropóloga Esther Newton fariam parte de uma das mais relevantes camadas desses ‘estratos geológicos’.

Tive a oportunidade de conhecer e conversar com Newton – e de posteriormente entrevistá-la – no início de 2019 ao longo de duas conferências de lançamento de seu livro mais recente – *My Butch Career: a memoir* (2018) – na cidade de Nova Iorque.<sup>1</sup> Tendo lido o referido livro posso afirmar que ele é pródigo por seus múltiplos usos, qualidades e potências. Tal obra contribui para a compreensão das condições, dos desafios e das consequências de se viver na dissidência sexual e de gênero e ainda ousar contribuir para a produção dessas camadas de “conhecimentos *queer*” ao longo da segunda metade do século passado. Através de onze capítulos acompanhamos a narrativa sedutora da antropóloga – a qual integra a primeira geração de intelectuais do “movimento gay liberacionista” nos Estados Unidos – sobre a sua própria “carreira *butch*”.<sup>2</sup>

Nascida na cidade de Nova Iorque em 1940, Esther Newton se tornou uma importante referência ao publicar o livro *Mother Camp: Female Impersonators in America* em 1972. Esta etnografia, hoje clássica, foi resultado de sua tese de doutorado orientada por David Schneider no Departamento de Antropologia da Universidade de Chicago e analisa o universo das *female impersonators*, ou *drag queens*, em duas cidades estadunidenses na primeira metade dos anos

<sup>1</sup> Tal encontro ocorreu no contexto do pós-doutorado que venho realizando como *visiting-scholar* no *Institute of Latin American Studies* da *Columbia University* na cidade de Nova Iorque.

<sup>2</sup> “*Butch*” é uma categoria associada às mulheres lésbicas mais masculinas, as quais, nos bares lésbicos no *Greenwich Village* dos anos 1950 e 1960, em Manhattan, Nova Iorque, costumavam se interessar e se relacionar com as “*femmes*”. “*Butch*” poderia ser traduzida ao português brasileiro – com riscos de anacronismo e consideradas as distinções semânticas – como “*sapatão*” e em castelhano como “*camionera*”, “*marimacho*” ou “*chonga*” (essas categorias, no entanto, variam amplamente dependendo do país em questão). Agradeço à antropóloga Andrea Lacombe pelas sugestões de categorias correspondentes no caso argentino.

1960.<sup>3</sup> Em uma época em que estudos antropológicos em contextos urbanos ocidentais eram incomuns, tal publicação contribuiu para o desenvolvimento da antropologia urbana, além de alçar Newton a precursora do campo de estudos antropológicos sobre gênero e sexualidade, assim como do campo mais amplo de estudos LGBT's. Mais recentemente, inclusive, a obra tem sido repositada também como uma antepassada dos estudos *queer* (Gayle RUBIN, 2018a; 2018b).

No entanto, em vários pontos de *My Butch Career* Newton aborda, com certa amargura, o fato de *Mother Camp* ter sido praticamente ignorado na época de seu lançamento. Ela também afirma que até o início dos anos 1980 suas pesquisas e publicações não possuíam quase nenhuma audiência ou reverberação. Por outro lado, a autora reconhece que seu livro primogênito se mostrou muito influente *a posteriori*, tornando-se referência central para obras canônicas como as de Rubin (1975; 1984) e mesmo, duas décadas depois, para a *teoria da performatividade de gênero* da filósofa pós-estruturalista Judith Butler (2003).

De antemão, um dos triunfos do recente livro de memórias de Newton talvez resida justamente em contextualizar de modo vívido e instigante – através do percurso biográfico da autora – um conjunto de profundas transformações sociais em diversos âmbitos como: a) na antropologia cultural norte-americana a partir dos anos 1960; b) no universo acadêmico fortemente machista, homofóbico e racista das universidades da época; c) nos movimentos feministas da segunda onda em diante; d) nos movimentos homófilos e de liberação homossexual; e) na maneira como identidades sexuais e de gênero se reconfiguraram no período em questão; f) e nas próprias condições para a recepção e o reconhecimento das obras de Newton e de intelectuais de sua geração. Para além disso, diga-se de passagem, a obra também é atravessada por passagens altamente envolventes sobre as diversas conquistas amorosas e *love-affairs* da autora, o que enriquece e complexifica o livro de diversas maneiras.

Já no início, *My Butch Career* mostra o seu vigor em fazer pensar sobre transformações identitárias, diferenças geracionais e mesmo sobre o curso da vida. Uma interessante passagem se dá quando Newton discorre sobre se compreender como “lésbica *butch*” ao invés, por exemplo, de se identificar como “homem trans”. Para tanto, ela aborda uma questão que muitas vezes lhe foi direcionada:

Por que não fazer a transição [de gênero]? Fatores geracionais e autobiográficos são as razões mais importantes. Quando criança eu não pensava em mim como um garoto preso no corpo de uma garota. [...] [No entanto] Recentemente eu assisti a um excelente documentário da PBS *Frontline* chamado *Growing Up Trans*. [*Crescendo como Trans*] [...] Tive que encarar o fato de que estava vendo a eu mesma nessas crianças [trans] e me dei conta de que se eu fosse uma criança hoje, eu provavelmente iria querer usar testosterona. [...] Porém, para a maioria das *butches* da minha geração, ‘esse barco já zarpou’, como minha amiga Gayle Rubin, a grande intelectual sapatão, disse. Depois dos sessenta e cinco [anos de idade] a maioria das pessoas não quer passar por grandes cirurgias por razões que não sejam uma questão de vida ou morte (NEWTON, 2018, p. 09-11).<sup>4</sup>

Assim sendo, nos quatro primeiros capítulos de *My Butch Career* – em ordem: “A Hard Left Fist”, “A Writer’s Inheritance”, “Manhattan Tomboy” e “California Trauma” – acompanhamos o *coming of age* de Newton como uma garota “mais masculina” na Manhattan dos anos 1940 e 1950. Neles a autora produz uma meticulosa contextualização de suas raízes familiares, apresenta a infância financeira e afetivamente instável em Nova Iorque e a adolescência afiliente, porém traumática, na Califórnia, além da aguda percepção de si como masculina e diferente das outras garotas. Ademais, são abordadas interessantes questões de gênero, sexualidade, classe e psicanalíticas da época e, em especial, o modo como o ocultamento do desejo e interesse erótico-afetivo por mulheres era percebido e vivenciado por Newton em um período macarthista de intensa perseguição e patologização da homossexualidade.

No que diz respeito aos seus pais, a autora lança cores carismáticas a ambos, construídos longamente como figuras fortes, multifacetadas, de esquerda e de personalidades marcantes e progressistas. O pai era judeu, ex-membro do Partido Comunista, veterano da Guerra Civil Espanhola, além de eminente psicanalista de Nova Iorque (na verdade, ela se prolonga na relação com o principal entre seus “três pais judeus”; homens com os quais sua mãe possuiu relações afetivas significativas). Já a mãe de Newton era uma “WASP”<sup>5</sup> e filha deserdada de um general do exército

<sup>3</sup> “*Drag queens*” e “*female impersonators*” poderiam ser traduzidas ao português brasileiro como “*transformistas*”, embora atualmente a categoria “*drag queen*” já esteja bastante espalhada na América do Sul. É preciso ter em mente que tais categorias, suas práticas, concepções e significados são altamente dinâmicos e o universo analisado por Newton nos anos 1960 certamente difere das *drag queens* atuais, e mais ainda em termos de diferenças nacionais e culturais. Sobre o universo das *drag queens* no contexto brasileiro, consultar a pioneira e excelente etnografia de Anna Paula Vencato (2002).

<sup>4</sup> No original: “Why not transition? Generational and autobiographical factor are the most important reasons. As a child I did not think of myself as a girl trapped in a boy’s body. [...] Recently I saw the excellent PBS *Frontline* film *Growing Up Trans*. [...] I had to face the fact that I was seeing myself in these children and realized that if I were a child now, I likely would have wanted that testosterone. [...] But for the majority of *butches* of my generation, ‘that ship had sailed,’ as my friend Gayle Rubin, the great *butch* intellectual, said. After sixty-five, most people don’t want major surgery for any reason except in matters of life and death.” (NEWTON, 2018, p. 09-11).

<sup>5</sup> “WASP” é um acrônimo para “*White Anglo-Saxon Protestant*” ou “Anglo-Saxão Branco e Protestante”. Tal sigla, em geral, é associada a grupos influentes e poderosos, de classes médias-altas e elites econômicas na América do Norte.

estadunidense, embora compartilhasse com a avó e a bisavó da autora o envolvimento em lutas abolicionistas, por igualdade racial, assim como em lutas feministas e sufragistas iniciadas ainda no Século XIX.

Por sua vez, “Baby Butch”, o quinto capítulo do livro, situa o final da adolescência da autora, os desafios e crises de ser uma jovem lésbica e masculina em uma época em que lobotomias, aprisionamentos, choques elétricos e internações psiquiátricas compulsórias de homossexuais eram comuns nos Estados Unidos. Também apresenta a sua aproximação do universo lésbico nova-iorquino pré-Stonewall,<sup>6</sup> os bares de *Greenwich Village*, assim como um interessante complexo categorial das identidades lésbicas da época, em especial, nuances e variações do binarismo “*butch*” e “*femme*”.

Sobretudo no sexto capítulo – “Anthropology of the Closet” – a autora finalmente discorre sobre o seu contexto de formação na antropologia cultural norte-americana e os riscos do seu primeiro trabalho de campo em meio a uma conjuntura institucional predominantemente masculina, heterossexual e branca. Além disso, aborda as resistências ao seu tema e *lôcus* de pesquisa considerando a concepção dominante, à época, de que o trabalho de campo na antropologia deveria ocorrer somente em um “lá” bem distante dos Estados Unidos.

É também nesse capítulo que Newton aborda mais diretamente, embora de modo sucinto, os detalhes sobre a sua desafiadora experiência entre as *drag queens* das cidades de Chicago e Kansas City. Em um olhar retrospectivo para sua primeira obra, aproxima a sua própria identidade como lésbica *butch* – sendo impelida na época a se adequar a um ideal feminino obrigatório – com as próprias identidades e *performances* dos sujeitos por ela investigados em *Mother Camp*. A seu ver, a sua experiência de campo a fez constatar que tanto ela quanto seus interlocutores compartilhavam – cada qual a sua maneira – de um processo de construção “artificial” do “feminino” através de práticas cotidianas. Nas palavras de Newton:

Eu também pratiquei um transformismo feminino de um tipo diferente, mais intensamente ao longo dos meus anos de ensino médio e de faculdade. Desde que escrevi *Mother Camp*, eu sempre adorei o fazer *drag*, o qual eu compreendi como uma performance teatral relacionada a minha vida íntima e a minha própria experiência. (NEWTON, 2018, p. 118).<sup>7</sup>

Já em seu sétimo capítulo – “Lesbian Feminist New York” – acompanhamos o intenso envolvimento de Newton com os movimentos feministas de segunda onda em Nova Iorque, logo após o término do doutorado. No sexto e sétimo capítulos afloram o caráter intelectual e politicamente arrojado de Newton para a época, assim como o fato de que seu reconhecimento como pioneira e precursora não lhe foi concedido cedo e acabou lhe custando muito caro. Em uma conjuntura acadêmica conservadora na primeira metade dos anos 1970, Newton relata ter o seu primeiro pedido de “*tenure*” surpreendentemente negado como professora universitária, mesmo tendo um livro já publicado e receber boas avaliações acadêmicas.

Esse fato teve um efeito devastador, pois à época isso resultava em demissão. Mesmo tendo um doutorado em uma universidade de elite – cuja banca de defesa contava, além de Schneider, com Clifford Geertz e Julian Pitt-Rivers –, e mesmo tendo como prognóstico uma carreira brilhante, Newton se viu com uma inesperada mácula no currículo. A esse episódio a autora não tem dúvidas em atribuir ao machismo, à homofobia e à lesbofobia institucionais da época. Tal baque quase a fez abandonar a antropologia e a carreira acadêmica de conjunto.

Nos capítulos seguintes – “The Island of Women”; “In-Between Dyke”; “Paris France” e “Butch Revisited” – acompanhamos novas e tórridas paixões da autora entre o México e a França, além de suas considerações sobre as cisões, as polêmicas e as pensadoras do feminismo francês, como Monique Wittig, Hélène Cixous e Antoinette Fouque, na segunda metade dos anos 1970, quando viveu em Paris.

O livro se encerra de um modo um tanto abrupto, no início dos anos 1980, abarcando, portanto somente a primeira metade da vida da autora, a qual se aproxima, hoje em dia, dos 80 anos de idade. Essa limitação temporal talvez se deva aos problemas de saúde enfrentados por Newton, os quais atrasaram o desenvolvimento do manuscrito e, suponho, o reduziram. De modo irônico, aliás, a obra se finda justamente com o início do reconhecimento do seu pioneirismo e de suas contribuições, já em um clima acadêmico distinto nos Estados Unidos. O livro também aborda, embora com frustrante brevidade, o envolvimento e participação da autora na conferência sobre

<sup>6</sup> A Revolta de *Stonewall* foi uma sequência de dias de conflitos em resposta à perseguição e violência policiais aos bares gays (e seus frequentadores) da cidade de Nova Iorque, ocorrida no mês de junho de 1969. A data, portanto, completou 50 anos em 2019. No entanto, embora *Stonewall* tenha se convertido em um inequívoco e poderoso símbolo de lutas transnacionais pelos movimentos gays liberacionistas, e mais tarde para os movimentos LGBTQI, existiram outros movimentos e organizações similares anteriores nos Estados Unidos – como os movimentos homófilos dos anos 1950 e início dos anos 1960 – os quais não deveriam ser obliterados.

<sup>7</sup> Tradução livre de: “I, too, had practiced female impersonation of a different kind, most intensely during my high school and college years. Since writing *Mother Camp*, I had always loved drag, which I recognized as a theatrical performance related to my inner life and experience.” (NEWTON, 2018, p. 118).

sexualidade feminina no Barnard College de Nova Iorque em 1982, a qual resultaria pouco depois na renomada coletânea *Pleasure and Danger: Exploring Female Sexuality* editada por Carole Vance (1984).

Essa recorte temporal, portanto, resulta em deixar de fora as considerações de Newton sobre inúmeras outras questões relevantes em sua vida, como por exemplo, o seu profundo envolvimento posterior com o esporte *Agility* – o qual envolve o treinamento e exibição de cachorros de raça – assim como o contexto de produção e escrita de suas demais obras, como *Cherry Grove, Fire Island: Sixty Years in America's first Gay and Lesbian Town* (1993) e o livro de ensaios *Margaret Mead Made Me Gay: personal essays, public ideas* (2000).<sup>8</sup>

De todo modo – e levando esses elementos em consideração – *My Butch Career: a memoir* é um importante documento para consulta a interessadas/os em estudos *queer*, estudos de gênero e sexualidade, estudos feministas, estudos lésbicos, assim como em teoria e história da antropologia cultural norte-americana. Além disso, vários de seus capítulos são úteis tanto para utilização em cursos de graduação quanto de pós-graduação nas temáticas supracitadas. Para além desses campos, no entanto, o livro possui qualidades narrativas que o fazem ser facilmente apreciado por um público não-acadêmico mais amplo. Se trata, afinal, de uma prodigiosa viagem pelas memórias de “dor e glória” de Esther Newton e sua incidência no universo político-intelectual dinâmico e turbulento da segunda metade do Século XX. Essa espécie de autoarqueologia reflexiva da autora – assim como de ativistas e intelectuais da sua geração – contribui valorosamente, por fim, para a consolidação, o reconhecimento e a “sedimentação” qualificada de importantes camadas dos “conhecimentos *queer*” no período em questão.

## Referências

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003 [1990].

NEWTON, Esther. *Mother Camp: Female Impersonators in America*. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1979 [1972].

NEWTON, Esther. *Cherry Grove, Fire Island: Sixty Years in America's First Gay and Lesbian Town*. Durham, NC: Duke University Press, 1993.

NEWTON, Esther. *Margaret Mead Made Me Gay: Personal Essays, Public Ideas*. Durham, NC: Duke University Press, 2000.

NEWTON, Esther; WALTON, Shirley. *Womenfriends: A Soap Opera*. New York: Friends Press, 1976.

RUBIN, Gayle. “The Traffic in Women: Notes on the ‘political economy’ of Sex”. In: REITER, Rayna (Ed.). *Toward an Anthropology of Women*. New York: Monthly Review Press 1975, p. 157-210.

RUBIN, Gayle. “Thinking Sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality”. In: VANCE, Carole (Ed.). *Pleasure and Danger*. New York: Routledge and Kegan Paul, 1984, p. 267-319.

RUBIN, Gayle. “Esther Newton Made Me a Gay Anthropologist”. *American Anthropologist*. v. 120, n. 4, p. 852-853, dez. 2018a.

RUBIN, Gayle. “Estudando Subculturas Sexuais: Escavando as etnografias das comunidades gays em contextos urbanos da América do Norte”. Trad. de Carlos Eduardo Henning e Glauco B. Ferreira. *Teoria e Cultura*. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, UFJF, v. 13, n. 1, p. 247-288, 2018b. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/12413>. Acesso em: 15/03/2019.

RUBIN, Gayle. “Geologias dos estudos *queer*: um *déjà vu* mais uma vez”. Trad. de Paula Nogueira Pires Batista, Roberto M. Xavier Reis, Carlos Eduardo Henning e Glauco B. Ferreira. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 19, n. 2, p. 117-125, jul./dez 2016. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/view/48676/23898>. Acesso em: 15/03/2019.

VANCE, Carole (Ed.). *Pleasure and Danger: exploring female sexuality*. Boston: Routledge & Kegan Paul, 1984.

<sup>8</sup> O livro de artigos e ensaios *Margaret Mead Made Me Gay* (2000), aliás, tem como título justamente uma homenagem lúdica a outra antropóloga – no caso, obviamente, Margaret Mead (1901-1978) – pelo seu papel “salvador” para Newton. Newton recorda que nos momentos em que se sentia em crise com a sua dissidência em termos de gênero e sexualidade na adolescência, ela invocava para si mesma as leituras de Mead e repetia, quase como um mantra, ao se trancar em seu quarto: “*Tudo é relativo! Tudo é relativo...*”. Figura tarimbada no rádio e na TV entre os anos 1950 e 1970, Margaret Mead contribuiu decisivamente para a popularização de massas das noções básicas associadas ao relativismo cultural nos Estados Unidos.

VENCATO, Anna Paula. *Fervendo com as Drags: corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da ilha de Santa Catarina*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSC, Florianópolis, 2002. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/84381>. Acesso em: 15/03/2019.

**Carlos Eduardo Henning** ([carloveduardohenning@gmail.com](mailto:carloveduardohenning@gmail.com)) é Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social e da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás. Pesquisador do Ser-Tão - Núcleo de Ensino, Extensão e Pesquisa em Gênero e Sexualidade. Atualmente realiza período de pós-doutorado no Departamento de Antropologia da USP e no Institute of Latin American Studies da Columbia University na cidade de Nova Iorque. Tem experiência em pesquisas em antropologia urbana, antropologia das relações de gênero e sexualidade, e antropologia do curso da vida e da velhice.

#### COMO CITAR ESSE ARTIGO DE ACORDO COM AS NORMAS DA REVISTA

HENNING, Carlos Eduardo. "A dor, a glória e o charme butch de Esther Newton". *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 27, n. 2, e65259, 2019.

#### CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Não se aplica.

#### FINANCIAMENTO

Não se aplica.

#### CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

#### APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

#### CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

#### LICENÇA DE USO

Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY International. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

#### HISTÓRICO

Recebido em 19/05/2019  
Aprovado em 12/06/2019

